

CORPO, MEMÓRIA E CIDADE: A PARTILHA DO LUGAR COMUM

Pedro Simon G. Araújo¹
Rousejanny da Silva Ferreira²

RESUMO: O presente artigo traz um relato de experiência de um projeto realizado junto a alunos e alunas do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás, que aconteceu no ano de 2019, sob a direção artística de um pesquisador em Artes Visuais e colaboração de uma professora de Dança. O projeto se propôs a realizar uma pesquisa relacional corpo-cidade, percebendo as relações memoriais e corpográficas, que puderam ser investigadas por meio da escrita, do gesto e do olhar de cada participante, sendo expressas por meio de performances. A metodologia que guiou o projeto foi a Pesquisa Educacional Baseada nas Artes, que propõe por meio da investigação artística a produção de conhecimento acadêmico, tendo como abordagem definida para o seu desenvolvimento, a Pesquisa Narrativa. A pesquisa possibilitou uma experiência teórica e poética que trouxe à tona percepções subjetivas da cidade atravessadas por relatos e histórias de vida, que ganharam corpo e marcaram novos espaços da arte.

PALAVRAS-CHAVES: Corpo; Memória; Cidade; Performance; Narrativa.

BODY, MEMORY AND CITY: SHARING THE COMMON PLACE

ABSTRACT: The present article brings an experience report of a project carried out with students of a Dance Degree course at Instituto Federal de Goiás, which took place in 2019, under the artistic direction of a researcher in Visual Arts and with the collaboration of a Dance teacher. The project proposed to carry out a relational body-city research, comprehending the memorial and corpographic relations, which could be investigated through the writing, the gesture and the look of each participant, expressed through performances. The methodology that guided the project was the Educational Research Based on the Arts, which proposes, through an artistic process of investigation, the production of academic knowledge, having the Narrative Research as the chosen approach for its development. The research made possible a theoretical and also a poetic experience that brought up subjective perceptions of the city crossed by reports and life stories, which took shape and marked new spaces for/of art.

KEYWORDS: Body; Memory; City; Performance; Narrative.

1 Professor Substituto - Faculdade de Informação e Comunicação FIC/UFG. Doutorando em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (2015). E-mail: araujops3@gmail.com

2 Professora da Licenciatura em Dança e do Mestrado Profissional em Artes Prof-Artes no Instituto Federal de Goiás. Coordena os projetos de pesquisa em dança Corpo Composto e Balé do Encontro na mesma instituição. Editora-Chefe da revista científica em Artes, Incomum. Tem mestrado em Performances Culturais (UFG), especialização em Filosofia da Arte (IFITEG/UEG), especialização em Pedagogias da Dança (PUC/GO) e graduação em Educação Física (UEG). E-mail: rousedance.ferreira@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo tem como proposta apresentar os caminhos de uma pesquisa artística denominada *Corpo, memória e cidade: construindo narrativas na relação com o urbano*. O projeto aconteceu durante o primeiro semestre de 2019, com um grupo de estudantes da Licenciatura em Dança, integrado à proposta via chamada interna realizada no início do mesmo ano. O projeto contou com a direção artística de um pesquisador das Artes Visuais e a colaboração de uma professora de Dança que, juntamente com o grupo de participantes, construíram os traços do que será apresentado abaixo. Os encontros do grupo aconteciam uma vez por semana com a duração média de três horas e envolviam a prática da leitura e discussão de textos relacionados ao referencial do projeto, preparação corporal, laboratórios de experimentação (exercícios de escrita, corpo e leitura de imagens), e partilha de sensações das práticas orientadas e do olhar para a cidade que cada um elegeu como recorte memorial.

O conceito de corpografia, a partir de Britto e Jacques (2008, 2012) veio somar à ideia inicial, uma vez que dilata e nos leva a perceber o ambiente também como parte do processo que se dá na relação interativa com o corpo (BRITTO; JACQUES, 2012). Segunda elas, a corpografia pode ser compreendida como uma cartografia realizada no/pelo corpo, como uma memória, um registro experiencial da cidade, inscrito em diversas escalas de temporalidade, que configura os corpos daqueles que a experimentam.

E pensando a relação do corpo com a cidade, as autoras acreditam que estes se relacionam mesmo que de maneira involuntária por meio da experiência urbana. Britto e Jacques (2008, p. 79) afirmam que “a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade”. A cidade assim, “deixa de ser somente uma cenografia por onde usuários circulam e passa a ser vista como um lugar de existência de um corpo que vivencia seu ambiente” (DOMINGUES, 2009, p. 23).

Nesta relação entre corpo e cidade, nos interessava perceber como as experiências pelos espaços deixavam marcas, rastros de memória que marcaram determinadas passagens de vida de cada um dos participantes e que pudessem aparecer, pela poética do corpo em movimento, como perspectivas de ler e estar no mundo.

Neste caminho, trazemos a visão de Porpino (2010, p. 4) que afirma que o corpo é um “território bio-cultural de memória”, que se atualiza pela dança e “ao mesmo tempo a possibilita. Assim, compreendemos a evocação da memória como experiência estética que pode ser tomada como via de mão dupla entre o corpo e a dança”. Para a autora, dançando “é possível retomar o passado, criar o presente e projetar mundos simultaneamente” (PORPINO, 2010, p. 4). Compreende-se essa via de mão dupla ao pensarmos o alicerce da memória nos processos de criação em dança e “porque é possível pensar tais processos como educativos, uma vez que a dimensão estética neles presente envolve o sujeito em uma ação reflexiva e criativa, questionadora de realidades vividas e propulsora de novas produções” (idem).

A nossa visão ao buscarmos um trabalho com a memória partiu do entendimento de que o corpo é memória em movimento, de que o corpo é caminho por onde as memórias ganham vida. Concordamos com Conz e Vitiello (2012, p. 4) ao dizerem que:

O corpo é memória viva, em constante (re)criação. Não é um depositário, um baú de acontecimentos. É corpo presente no momento presente. Assim, dançar as memórias é sempre criar. Estudos demonstram que a memória corporal não é algo que se situa no passado, mas sim é sempre um acontecimento do/no presente. A memória só pode ser vista, estudada e observada a partir do presente.

Nesse sentido, tudo o que fomos e vamos incorporando em termos de hábitos, experiências e habilidades ao longo da nossa vida transformam-se em quem somos (KOCH et al, 2012). Trabalhar com as memórias é a todo momento ressignificar o passado e o presente, em um corpo só: o de hoje. E assim fomos dando espaço para que o grupo pudesse se deixar mergulhar numa investigação atravessada entre rever a própria história, rever os espaços e “corpar” a vida.

Os conceitos de cidade e urbano também são passíveis de serem descritos, uma vez que permeiam a investigação e traduzem os espaços com os quais os corpos trocam e se contaminam mutuamente. A partir de uma definição³ da língua portuguesa a palavra cidade pode ser percebida como “aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras e a outras não relacionadas” à exploração do solo. O termo cidade, segundo Lencioni (2008, p. 115) enfrenta diversos séculos sem alteração, pela impossibilidade de “conseguirmos expressar o movimento e as mudanças constantes” o que faz com que tenhamos sempre que adjetiva-la dando novos significados, tais como: cidade do interior, cidade moderna, cidade grande. Para a autora, “a cidade, não importando sua dimensão ou característica, é um produto social que se insere na relação do homem com o meio” (LENCIONI, 2008, p. 115).

A proposta inicial para o desenvolvimento do projeto se deu por uma inquietação de ambos, professor e professora, ao buscarem uma percepção mais clara, sobre como a cidade compõe a formação corporal/afetiva dos sujeitos. Essa composição, portanto, deveria ser explorada, percebida e aprofundada, entendendo como alunos e alunas, futuros educadores e educadoras compreendem e têm observado/lidado com essas questões ao longo da formação acadêmica, pensando nos aspectos artísticos e pedagógicos que envolvem a mesma.

Assim sendo, decidimos nos basear na Pesquisa Educacional Baseada nas Artes (PEBA) enquanto caminho para uma pesquisa qualitativa. De acordo com Dias e Irwin (2013, p. 24) o ponto crítico dessa abordagem tem como foco o desenvolvimento de inter-relações entre o “fazer artístico e a compreensão do conhecimento”. O que se busca, segundo os autores, é a exploração de uma metodologia que persegue o espaço da arte na construção de conhecimento na academia. Dias e Irwin (2013) consideram o entrelaçamento entre ensino (saber gerado entre estudantes e

³ HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

relacionamentos significativos), arte (reorganização da experiência) e pesquisa (significado revelado pelas interpretações) uma mestiçagem de categorias como intra e intertextualidade que comunga saber, ação e criação que possibilita a investigação em arte.

Segundo Carvalho e Peruzzo (2018, p. 62-63) “a PEBA abarca desafios específicos que se lançam em direção à Arte, pois ela prevê a inserção das linguagens artísticas em percursos investigativos, como objeto de estudo, trajetória poética ou como recurso para a geração de dados, e um dos maiores desafios” está em converter “um percurso de pesquisa em criação artística”.

Grande parte das propostas de pesquisa que se apoiam na Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) para o seu desenvolvimento está ligada à área das Artes Visuais, no entanto, o que se busca aqui é privilegiar para além das imagens e suas visualidades, o corpo performativo, a significação do gesto, como caminho artístico potente.

Aprofundando metodologicamente na pesquisa, a abordagem escolhida partiu da pesquisa narrativa, ou biográfico-narrativa. Esta, segundo Suárez (2017, p. 10), tem como característica o pluralismo metodológico, o “reconhecimento de uma multiplicidade de formas de se construir saber e compreensões científicas”. Trata-se de uma abordagem metodológica que propicia:

novas e outras posições de enunciação, práticas discursivas e discursos sobre a própria vida, a experiência vivida, o lugar habitado e o tempo transitado na cultura contemporânea [que] começam a disputar seu lugar na conversação pública como enunciações legítimas, agora visíveis (SUÁREZ, 2017, p. 10-11).

Portanto, essa proposta coloca em perspectiva questões humanas, pessoais e subjetivas, das “histórias individuais, coletivas e sociais dos sujeitos e das instituições” (SOUZA; MEIRELES, 2017, p. 128). O indivíduo é um ente inseparável da cultura e de seus atos. Embora no processo de escrita os indivíduos se valham de si mesmos, não é possível dissociá-los do mundo social visto que somos o reflexo de um conjunto de relações sociais. Os laços sociais têm impactos institucionais tornando-se o cenário a partir do qual ocorrem interações.

Para tanto, definimos como um dos instrumentos de registro os diários de impressões, que possibilitaram a escrita de percepções, dúvidas, opiniões, momentos marcantes etc. de cada um dos encontros. Além disso, entendemos que seria importante que os encontros pudessem ser registrados por meio de áudio e vídeo, uma vez que as conversas e pesquisas corporais também compõem os registros para investigações futuras e avaliação do processo.

O projeto se propôs a perceber a relação do grupo com os espaços nos quais transitavam diariamente; de que maneira se percebiam corporalmente nos mesmos; que aspectos imagéticos chamavam a atenção nestes espaços e como a percepção afetiva (ou não) da memória destes espaços disparavam percepções para o mover. Ao final dos primeiros encontros, já permeados por leituras, partilhas de experiência e um despertar corporal, conseguimos perceber como os conceitos apresentados acima conversavam como desejo de construir distintas grafias na cidade, grafias que

percorressem além da ideia comum de grafia como escrita, mas que pudessem atravessar o corpo em movimento e a imagem como modos de construir registros, ou seja, escrever por outras percepções.

CORPOGRAFIAS E POLÍTICAS DA CIDADE

As pesquisadoras Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques, estudiosas da dança e da arquitetura, respectivamente, trouxeram para pauta o estudo da relação do corpo com a cidade. Em alguns textos escritos por elas fica evidente a preocupação que expressam em relação a esse espaço. Elas trazem uma denúncia à espetacularização e privatização do espaço público, o que consequentemente demanda uma limpeza da cidade, uma cidade que se torna desencarnada, sem corpo. Segundo Jacques,

a redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados. Os novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados, nos levam a repensar as relações entre urbanismo e corpo, entre o corpo urbano e o corpo do cidadão (JACQUES, 2008, p. 01).

A autora segue argumentando que a partir do momento em que a cidade passa a ser ocupada, deixa de ser um cenário, passa a ser praticada e se torna “outro corpo”. Expõe dessa maneira uma relação que se estabelece entre o corpo do cidadão e o corpo urbano, o que nos leva a ter outra apreensão do espaço da cidade por meio da intervenção e de novas reflexões possíveis.

Companhias de dança como a Quasar, Nômades, Porquá, entre outras, experimentaram a cidade como mote para processos criativos, observando no cotidiano da cidade, diferentes sutilezas, muitas vezes despercebidas pelos passantes cotidianos. Dentre os tantos trabalhos que apontam nesta perspectiva, um veio como referência norteadora: o filme *O Lamento da Imperatriz* (1989) dirigido pela coreógrafa e bailarina, Pina Bausch⁴. Ao longo de seu trabalho com a dança-teatro, Pina observava, juntamente com os seus atores-bailarinos da *Wuppertal Taztheater* (Alemanha), como a construção gestual traduzia ressignificações do mover a partir das trocas estabelecida entre os bailarinos e os lugares investigados. *O Lamento da Imperatriz* explora diversos ambientes da cidade de Wuppertal propondo um deslocamento do olhar comum sobre a apropriação dos espaços urbanos por meio de performances cotidianas, que ora parecem dança, ora parecem ações do dia-a-dia, mas que trazem em si, questões como gênero, sexualidade, identidade a partir de recortes relacionais e particulares dos artistas que participam do filme.

Ao refletir sobre a experimentação daqueles que se permitem vivenciar a cidade e seu espaço, é possível notar que em meio a essa coimplicação há intencionalidade e movimento por parte do corpo que interage. Para as autoras, a compreensão nasce de uma experiência sensorio-

⁴ Uma das mais importantes coreógrafas do nosso tempo. Pina Bausch nasceu em 1940 em Solingen e morreu em 2009 em Wuppertal, Alemanha. A combinação de elementos poéticos e cotidianos em seu trabalho deu destaque à dança-teatro, tendo influenciado decisivamente o desenvolvimento internacional dessa expressão artística. Disponível em: <<http://www.pina-bausch.de/en/pina/biography/>>. Acesso em: jun. 2020.

motora vivida no espaço, e que se percebida pelo viés da dança, campo de execução do projeto, ganha uma nova potência.

A partir da perspectiva da pesquisadora e professora Jussara Setenta, atuante nas áreas de dança, performatividade, performance, políticas de criação em dança, ensino da dança e coreografia, a dança é apresentada enquanto fazer-dizer do corpo, que se insere numa discussão “que trata o corpo que dança como pensamento politicamente investido e propositivo” (SETENTA, 2012, p. 1). Ou seja, os corpos que dançam e performam, trazem nesse fazer um dizer. E neste desenrolar de formação, trocas e mudanças, o corpo se conecta com vários ambientes que o atravessam e que se colocam como um conjunto de condições para que as interações aconteçam (BRITTO; JACQUES, 2012), o que serve para pensarmos como se comporta a cidade em meio a essas interações.

Ao voltarmos nossos olhares enquanto pesquisadores, alunos e alunas ao cotidiano notamos apenas a velocidade com que as coisas são realizadas, o tráfego intenso, os ruídos, o caos ou o descaso. Sobra pouco espaço para que os afetos e a delicadeza que existem na cidade sejam notados. Ao abordarmos então o conceito de corpografia, estamos lidando com corpos que trazem dizeres em contato com ambiências sensíveis nos âmbitos das cidades, um encontro que suscita discussões sobre o espaço da arte, a memória do corpo, as imagens e falas que perpassam todo esse processo.

Perceber a cidade é olhá-la criticamente, observando as políticas que definem os espaços, as tessituras, as diferenças de zelo entre o que se quer ver, o que se quer esconder como retrato representativo da arquitetura social. Por vezes, partes da cidade aparecem camufladas, não havendo a visibilidade das zonas periféricas, da pobreza, da zona rural, tidas como regiões que não são esteticamente representativas do que se quer propagar. A rua de chão batido, presente nos mais diversos cenários urbanos, a arquitetura inacabada, ou não monumental, formam parte significativa da constituição geográfica e da dimensão populacional dos habitantes, inclusive dos estudantes e professores que compõe esta proposta. Para nós isso foi muito importante como enfrentamento da produção artística urbana que, muitas vezes, se desenrola nos monumentos e arquiteturas centralizadas como olhar representativo e comumente estético para dialogar, mas que, muitas vezes não somam com as realidades e urgências dos artistas e da própria urgência da cidade. Pensar a cidade em sua totalidade é dar notoriedade às zonas que fogem da definição de um urbano central/monumental, modos de pertencimento.

Isso nos remete à “política da estética”, apresentada por Rancière (2009), que indica uma alternativa para repensar as funções da arte na sociedade. Pressupõe assim relacionar arte, política e cotidiano como parte de um sistema, no qual a política está vinculada aos espaços emancipatórios nos quais os sujeitos podem se apropriar de suas vozes e atos. Há uma estética política que se ocupa daquilo que se vê, daquilo que se pode dizer sobre o que é visto, da habilidade para ver e da capacidade para dizer. O autor pensa a política como sendo essencialmente estética, e definidora da posição e da possibilidade de participação dos sujeitos em sociedade. Rancière (2009, p. 22) adiciona

que “um regime de identificação da arte é aquele que põe determinadas práticas em relação com formas de visibilidade e modos de inteligibilidades específicos”.

Entendemos a partir daí, que uma das possibilidades de subversão artística se estabelece pela reapropriação dos espaços da cidade “gerando diferentes formas de apreensão da realidade e criação de ideias” (FERREIRA; KOPANAKIS, 2015, p. 03). Para as autoras, por meio desse movimento:

A cidade passa a ser compreendida como um espaço simbólico onde indivíduos se constituem através de suas experiências no espaço e no tempo. Quando os grupos se unem para propor alternativas de ocupação a esses espaços revelam uma resistência aos processos de racionalização à massificação que se instituem nas cidades e, assim, propõem usos diferentes aos diversos espaços através dessas manifestações de oposição. Este movimento representa, igualmente, uma transcrição dos fenômenos das dinâmicas da vida através da representação das artes em espaços até então não utilizados para estes fins: os constantes deslocamentos da arte de lugares estáticos (como museus) para os lugares abertos (as ruas) (FERREIRA; KOPANAKIS, 2015, p. 3).

A arte se torna assim uma forma de se olhar para a realidade e expressá-la, um caminho de comunicação que se deixa afetar pelos sentimentos. Olhando para a vida moderna, o urbano e a arte se conectam em busca de uma expressividade e linguagem democrática e relacional. Partimos para um lugar de reaproximação do sujeito e do mundo, tendo na arte no comum um papel determinante nessa transformação que não é apenas estética, mas também cultural, social e política, como afirma Cartaxo (2009). Segundo apresenta,

A desmaterialização da arte é fruto das reflexões contemporâneas sobre o seu papel e lugar. A cidade como lugar da vida cotidiana, do coletivo, do fluxo de ações, dos acontecimentos e temporalidades e da acumulação histórica, oferece reflexão estética ao converter-se em parte das obras-manifestações de arte pública (CARTAXO, 2009, n/p.)

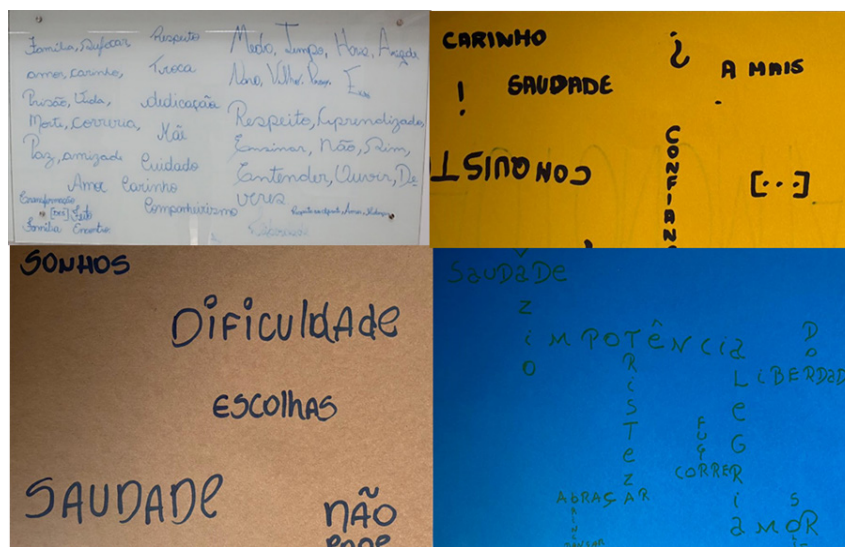
A autora adiciona ainda que a arte no espaço público abandona o seu caráter de produto e se torna um objeto de consumo capaz de integrar a reflexão ao próprio lugar, deixando de possuir um estado de pertencimento que passa por domínios, seja do individual ou coletivo, do público ou privado. Uma arte que pertence a todos os envolvidos e que se desenvolve de maneira integrada. Abrindo as camadas das corpografias urbanas que nos dispusemos a investigar, dividimos, a seguir, as três principais categorias norteadoras do trabalho, sendo elas: o gesto, a escrita e olhar para a cidade. Ressaltamos ainda que a divisão das categorias no texto ocorre somente como um facilitador do entendimento da ideia, sendo tudo formulado conjuntamente e com diferentes tonalidades ao longo de todo o projeto.

CORPO, MEMÓRIA E CIDADE: RECONHECENDO O PROCESSO

Desde o início os participantes foram instigados a olhar o projeto como uma tessitura que pudesse dialogar com percepções pessoais e, ao mesmo tempo, pudesse proporcionar a cada um/uma um intervalo na rotina estudo/trabalho para experimentar, enquanto licenciandos do campo da Arte, um processo de ativação artística a partir de si e seus lugares.

Ao longo de quase quatro meses, nos reunimos semanalmente para o desenvolvimento da pesquisa. Os encontros de três horas possibilitavam que discussões teóricas fossem realizadas em um primeiro momento e que depois partíssemos para as práticas corporais que culminaram nas pesquisas de movimento orientadas por nós através de instruções verbais, visuais e sonoras. Utilizamos os textos dos autores acima citados, papéis coloridos, cadernos de anotação e fotografias dos espaços como disparadores e alimentadores de um processo composto pela interação direta dos participantes, onde se recortavam palavras, registravam sensações, lembranças que vinham à tona, entre outros, como pode ser visto na Figura 1.

Figura 1 – registros escritos



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Corpo, memória e cidade foi projetado como um espaço de investigação capaz de construir três blocos de trabalho: leituras e diálogos compartilhados sobre a temática do projeto; laboratórios de pesquisa de movimento, preparação e percepção corporal; e um trabalho de campo e individual para fotografar, escrever e descrever processos significativos para cada um participantes, retroalimentando assim, as outras fases mencionadas.

Sugerimos uma temática norteadora a cada encontro, como estratégia provocativa para o diálogo e a experimentação corporal. A exemplo: Que espaços são esses pelos quais passamos diariamente, mas que já se tornaram corriqueiros para nós? Que outros espaços nos marcam e

por quê? Que lugares gostariam de ver passando por novas apropriações? Pensem nos lugares que marcaram a vida de vocês; Pensem nas marcas que esses lugares deixaram em vocês; Pensem em situações vividas nesses lugares que ficaram guardadas; Por que ficaram guardadas?; Quais as marcas elas deixaram em vocês?; Elas mudaram quem vocês são hoje?; O que levam de bom e de ruim desses lugares?

Os cadernos foram ferramentas para identificar o que havia sido notado em determinados momentos do processo de imersão corporal, memorial e relacional entre os colegas e as percepções particulares da cidade. Percebendo o processo como uma soma de camadas que desencadeiam na impressão do corpo em relação à memória e à imagem, trazemos a seguir a percepção destas sensibilidades pelo gesto e pelo olhar, como leituras estéticas competentes ao trabalho.

CORPOGRAFIA EM PROCESSO: TECENDO O GESTO

Aqui compartilhamos nossas impressões sobre o processo e reverberação gestual da pesquisa. Por algumas semanas focamos na memória e no corpo como eixo de pesquisa, trabalhando na perspectiva de soma de camadas, onde as conversas, a escrita passavam a compor a relação corpo-memória. Em algumas semanas, para além do encontro presencial, também continuávamos com pílulas de reflexão por e-mail para que refletissem a respeito de determinado ponto, compartilhassem posteriormente com o grupo e também registrassem impressões nos diários.

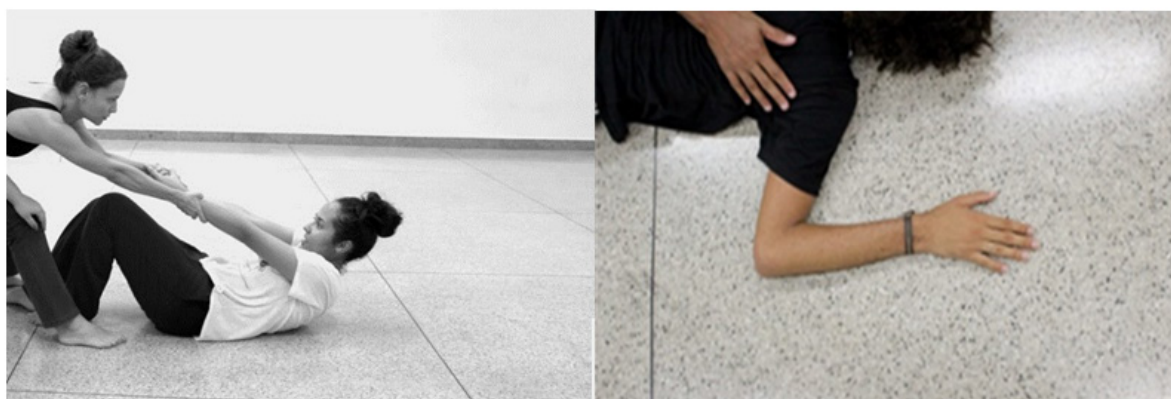
Para os laboratórios de corpo havia inicialmente uma condução prioritária dos coordenadores do projeto, mas que foi se horizontalizando ao longo dos meses, ou seja, parte do processo de condução dos trabalhos de preparação corporal e laboratórios eram propostos ou conduzidos justamente pelos discentes que dali participavam. Os alunos e alunas se misturavam em pesquisa, conduziam um ao outro, preenchiavam o espaço da sala com seus papéis, objetos e corpos buscando caminhos próprios para desenvolver repertórios memoriais do gesto como poética do movimento. Através de laboratórios de improvisação de movimentos e sensibilização corporal, o grupo ia apurando outras camadas de investigação, acessando no corpo, registros que marcaram passagens por lugares específicos da cidade como recorte particular.-

Ao longo de mais quatro semanas pudemos abrir camadas que perpassavam memórias da vida adulta, mas principalmente a infância como parte tocante à constituição de cada um. Isso emanava no corpo com choro, sorriso, gritos que construía gestualidades da intimidade, que em alguns momentos eram compartilhadas com os colegas, mas em tantos outros, eram grafias da intimidade de histórias particulares na cidade. Este processo foi ganhando força e formas ao longo da imersão, já delineando a soma entre escrita, corpo, gesto, memórias acionadas e lugares.

Durante os laboratórios o grupo era orientado a mergulhar cada vez nas sensações que vinham à tona, num esforço de superar a timidez ou o movimento como forma superficial, por exemplo. Íamos refletindo juntos sobre o automatismo que poderia acarretar da repetição de alguns

gestos, o que os gerava, por que eles apareciam com certa frequência e como cada um estava conduzindo suas partituras de movimento. Os cheiros, os contatos, as pessoas, as sensações, as paisagens iam aos poucos ganhando corpo por meio de gestos (Figura 2). Às vezes, pequenas ações, intensidades, tempos, já denotavam muito do que o corpo estava acionando como presença em movimento e sendo possível criar estruturas mais concretas de organização, entre pensamento e gesto, cada vez mais significativos.

Figura 2 – registros corporais



Fonte: Acervo pessoal (2019)

Acompanhamos de perto a riqueza dos gestos que aos poucos se tornavam mais claros e significativos, o que permitiria que fossem se transformando em pequenas células coreográficas o que foi decidido por eles/elas como estrutura composicional. Outra estratégia definida foi que, ao final de cada dia de trabalho fariam uma retomada dos movimentos mais significativos a cada um, como fixação de caminhos que pudessem somar ao processo.

CORPOGRAFIA EM PROCESSO: TECENDO O OLHAR PARA A CIDADE

No início do processo os relatos eram mais relacionados às pessoas que lugares da cidade, que apareciam mais como pano de fundo, como um cenário da própria vida. No entanto, no decorrer do processo, os espaços ganharam importância ao observar as simbologias que os objetos, arquiteturas e tudo que compõe é capaz de dialogar como construção e lembrança de afetos (casa da avó, igreja, escola, casa onde morou quando criança, praça). Os/as instigávamos a perceberem qual estava sendo o caminho utilizado por eles/elas para buscar determinadas memórias; por que eram invocadas; o que traziam como práticas de (des)afetos; como atravessaram a constituição deles como sujeitos sociais; a identificação da importância desses espaços; que pessoas compartilhavam estes espaços, entre outros.

O interessante era perceber como duas cidades (cidades dos/das participantes do grupo de pesquisa) abrigavam em si diversas outras cidades que iam nascendo a partir dos compartilhamentos visuais, via foto, trazidos pelo grupo. O olhar de cada um/uma para o dia-a-dia na cidade (Figura 3) permitia que fôssemos configurando e reconfigurando nossas percepções sobre a cidade, que também se mostravam dispares ao analisarmos os registros visuais trazidos.

Figura 3 – registros visuais



Fonte: Acervo pessoal (2019)

As imagens nesse momento foram servindo como provocações e estímulos para delinear a última etapa da pesquisa que possibilitaria ao grupo, elaborar um retorno à cidade através do gesto, novamente abrindo espaço para que as provocações acontecessem, entre artistas e espaço. Como bem afirma Guerche (2018, p. 68) “no mesmo momento em que desestabiliza um determinado espaço, o artista também pode ser desestabilizado, pois adentra um campo de múltiplas significações existentes no espaço urbano”.

A cidade de cada um dos/das participantes do grupo tornou-se nas quatro últimas semanas um grande cenário para compor, onde puderam experimentar registro do corpo e do olhar por impressões individuais ou compartilhadas. Por meio de diários visuais trazidos durante os últimos encontros, fomos percorrendo juntos os sentidos e as significações presentes nos lugares que marcavam tais trajetos. A pesquisa estava permitindo ao grupo dar novos sentidos à cidade a partir do discernimento das afetações. Por meio de uma relação performer-cidadão iriam partilhar com a cidade as mensagens que estiveram construindo durante os meses do projeto.

Ao final do processo, sentiram a necessidade de retribuir à cidade o que haviam criado, deixando nos espaços rastros que estavam sendo realizados como pesquisa relacional corpo e espaço. Durante os encontros cada um/uma foi identificando quais lugares haviam sido mais significativos para história deles. Assim sendo, definiram que faríamos uma visita a cada um desses lugares (ruas, praças, avenidas) para que pudessem deixar ali os registros de suas partituras. Foram então realizados encontros individuais com cada participante do grupo ao lugar escolhido. Ali puderam reviver algumas memórias que haviam compartilhado com o grupo, apresentar visualmente o lugar, e deixar rastros a partir das performances. Foi interessante perceber que por meio destas ações estavam trazendo àqueles lugares outras experiências e sentidos aos transeuntes presentes no momento.

Para além disso, como forma de vivenciarmos uma experiência coletiva na cidade, sugerimos a realização de uma ação em que todos pudessem estar juntos. Escolhemos um lugar que fosse significativo para o grupo como memória em comum e experienciamos brincar, improvisar e explorar a cidade como espaço habitado no movimento (Figura 4).

Figura 4 – performance na cidade



Fonte: Acervo pessoal (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Corpo, memória e cidade: construindo narrativas na relação com o urbano* se inicia cheio de expectativas e ao mesmo tempo repleto de dúvidas e inquietações. Foi um enorme estímulo perceber como vários alunos e alunas estavam também interessados em pensar, discutir e explorar essa temática conosco. Começamos as investigações com cautela, apresentando alguns conceitos iniciais, entendendo se já estavam familiarizados com aquelas discussões, e como o corpo poderia ser provocado para o trabalho.

A cada novo encontro a troca, as discussões e pesquisas corporais iam estimulando novas questões relativas às percepções das memórias e dos afetos que trazíamos no corpo. A relação com a cidade foi aparecendo aos poucos, por trás de lembranças da infância, recordações dos tempos da escola, a partir de referências artísticas compartilhadas, entre outros.

A metodologia da Pesquisa Educacional Baseada nas Artes foi um importante suporte para a realização do projeto, pois possibilitou por meio de caminhos investigativos com/no corpo a produção de conhecimentos que partiram também da abordagem narrativa presente na pesquisa. Por meio da construção de diários narrativos visuais e escritos histórias de vida vieram à tona dando lugar às memórias, que ganharam corpo por meio da dança e do desenvolvimento de partituras corporais pensadas para e com os espaços da cidade. Esses foram revelados pelas lembranças e também pelas visitas individuais realizadas. Por meio da arte e da experimentação foi possível encontrarmos respostas para as questões investigativas.

Quando menos esperávamos, nos vimos todos entregues a um único propósito, a partilha. Por mais que inicialmente alguns de nós não tivéssemos intimidade, o dia-a-dia da pesquisa nos possibilitou dividir histórias de vida, dores, experiências, que com certeza transformaram o grupo como um todo. A cada novo estímulo levado aos alunos e alunas o corpo trazia novas respostas. O gesto, o olhar e a escrita marcaram os processos da pesquisa ao determinarem os caminhos exploratórios percorridos pelo grupo na busca por algumas resoluções sobre os atravessamentos da cidade no corpo e sua influência na nossa formação enquanto pesquisadores e professores e na formação dos alunos e alunas.

Esse projeto teve importância na formação de futuros licenciados e licenciadas em dança, uma vez que possibilitou ao grupo o contato direto com o desenvolvimento de uma pesquisa artística e acadêmica, permitindo pensar suas demandas, conflitos e a riqueza existente em trabalhos que envolvem afetos e afetividades. Puderam experimentar a dança para além da sala de aula, percebendo a diversidade de perspectivas existentes ao se elaborar uma pesquisa sobre e com o corpo, aprofundando em aspectos teóricos e práticos. Foram vivências enriquecedoras para todos e todas e esperamos que reverberem positivamente em suas experiências pedagógicas no futuro.

Ao final de quase quatro meses de pesquisa algumas perguntas puderam ser respondidas e outras inquietações trazidas à tona. Pudemos perceber que, de fato, trazemos as marcas da cidade em nossos corpos, no entanto, que essas marcas não vêm conscientemente enquanto cidade em sua concretude, mas ligada ao que o seu espaço proporciona. Identificamos que não há uma memória da cidade que esteja afastada das pessoas, de emoções, de experiências. Compreendemos que a cidade abriga histórias, corpos e outras cidades, uma vez que diversos espaços não são legitimados, visibilizados. O projeto foi capaz de estimular em todos nós o reencontro com o espaço de luta política da arte, que ao buscar por novas apropriações se expande, demonstra sua potência e sua validade social.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas, um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU FAUFBA**, ano 6, p. 79-86, 2008. Número especial: Paisagens do corpo.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpo e cidade – coimplicações em processo. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

CARTAXO, Zalinda. Arte no espaço público: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**, v. 02, p. 00-00, 2009.

CONZ, Rosely; VITIELLO, Julia Ziviani. A Criação em cena- memórias, percepções e imagens que emergem do corpo que dança. **Revista aSPAs**, USP - São Paulo, p. 58 - 65, 20 dez. 2012.

DIAS, Belidson. **O I/MUNDO da Educação em Cultura Visual**. Brasília: Editora da pós-graduação da Universidade de Brasília, 2011.

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: MARTINS, Raimundo.; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Culturas das imagens e desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2016, p.133-151.

DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013

DOMINGUES, Viviane Morteau. **Lapse: processo de criação em videodança**. Monografia apresentada à Especialização Arte Contemporânea: Prática, Teoria e História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná: Curitiba, 2009. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/wpcontent/uploads/2009/11/PROPPE_2009_LAPSE_PROCESSO_DE_CRIACAO_EM_VIDEOSANCA.pdf>. Acesso em: set. 2015.

DUARTE, Cristiane Rose; COHEN, Regina; SANTANA, Ethel Pinheiro.; BRASILEIRO, Alice.; PAULA, Kátia.; UGLIONE, Paula. Explorando as ambiências: dimensões de possibilidade metodológicas na pesquisa em arquitetura. In: Colloque International Faire une Ambiance, Grenoble, 2008. **Anais...** Disponível em: <www.asc.fau.ufrj.br>. Acesso em: 10 fev. 2010.

FERREIRA, Manuela Lowenthal; KOPANAKIS, Annie Rangel. A cidade e a arte: um espaço de manifestação. **Tempo da Ciência**, v. 22, n. 44, 2º sem. 2015, p. 79-88.

GUERCHE, Tatiana Palma. A arte, o urbano e o social: um espaço de provocação. **Palíndromo (Online)**, v. 6, p. 64-78, 2014.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, **Vitruvius**, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: maio. 2020.

KOCH, Sabine C.; FUCHS, Thomas; SUMMA, Michela; MÜLLER, Cornelia (Org.). **Body Memory, Metaphor and Movement**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre os conceitos de cidade e urbano. **Geousp** (USP), v. 24, p. 109-123, 2008

PERUZZO, Leomar; CARVALHO, Caroline. Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e as artes cênicas: possibilidades em teatro e dança. **O Teatro Transcende** (Online), v. 23, p. 61-80, 2018.

PORPINO, Karenine de Oliveira. O. Corpo, Dança e Memória: territórios convergentes - Memória Abrace Digital - ISSN 2176-9516. **Memória Abrace Digital**, v. 1, p. 1-5, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. 2ed. São Paulo: EXO Experimental (Editora 34), 2009.

RANCIÈRE, Jacques. Estética como política. **Devires**, Belo Horizonte, v.7, n.2, jul/dez 2010, p. 14-36. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/devires/index.php/Devires/article/viewFile/325/186>. Acesso em: abril 2018.

SETENTA, Jussara Sobreira. O Fazer-Dizer de Corpos: modos de fazer dança e performance. In: 1er Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos e Corporalidades en las Culturas, 2012, Rosário. **Actas del 1er Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos e Corporalidades en las Culturas**. Rosário: Universidade Nacional de Rosário/Investigaciones en Artes Escénicas y performáticas, 2012. p. 1-10.

SOUZA, Elizeu Clementino de.; MEIRELES, Mariana Martins de. Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. (Org.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 125-141.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Pesquisa Narrativa: outras formas de conhecer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. (Org.). **Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 9-12.

Recebido em: 02/07/2020

Aceito em: 20/08/2020